

APADRINHAMENTO AFETIVO

O que nos une é o amor!



Por
Casa de Acolhimento Semente Viva

APADRINHAMENTO
AFETIVO

O que nos une é o amor!

REALIZAÇÃO _____



APOIO _____

Itaú Social

PROJETO SELECIONADO

2021

IR Cidadão



© Copyright 2022 - Por Casa de Acolhimento Semente Viva- Todos os direitos reservados. Não é legalmente permitido reproduzir, duplicar ou transmitir qualquer parte deste documento em meios eletrônicos ou impressos, sem a prévia autorização. A gravação desta publicação é estritamente proibida.

Foto de capa: Camila Soares / Projeto Gráfico: Andrey Teófilo (@teocreativestudio)

dedicatória

DEDICATÓRIA__

Este livro é dedicado às Equipes Técnicas das instituições de acolhimento que atuam incansavelmente no cuidado de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e emocional, sempre em busca de melhores oportunidades de crescimento para eles. São aquelas que enxergam muito além e acreditam que o Apadrinhamento Afetivo é uma ferramenta eficaz para proporcionar mais qualidade de vida aos que vivem nos abrigos.

Este livro também se destina ao público em geral que busca por mais informações acerca dos processos de Apadrinhamento Afetivo e que, de alguma forma, acreditam que com suas escolhas e atitudes poderão contribuir com um mundo melhor!

“

O que as pessoas mais desejam é alguém que as escute de maneira calma e tranquila. Em silêncio. Sem dar conselhos. Sem que digam: "Se eu fosse você". A gente ama não é a pessoa que fala bonito. É a pessoa que escuta bonito. A fala só é bonita quando ela nasce de uma longa e silenciosa escuta. É na escuta que o amor começa. E é na não-escuta que ele termina. Não aprendi isso nos livros. Aprendi prestando atenção.

”

Rubem Alves

sumário

SUMÁRIO

Prefácio.....	6
Boas-vindas.....	8
Capítulo 1 PROGRAMA DE APADRINHAMENTO AFETIVO – O QUE É?.....	11
Capítulo 2 NORMAS GERAIS DO PROGRAMA.....	14
Capítulo 3 AÇÕES DE APROXIMAÇÃO – ACOMPANHAMENTO DOS VÍNCULOS AFETIVOS... ..	21
Capítulo 4 ASPECTOS PSICOLÓGICOS ENVOLVIDOS NO PROCESSO.....	26
Capítulo 5 A PRÁTICA DO APADRINHAMENTO.....	38
Capítulo 6 CAPACITAÇÃO DA EQUIPE DE EDUCADORES.....	40
Capítulo 7 POR QUE AS CRIANÇAS E OS ADOLESCENTES SÃO ACOLHIDOS?.....	48
Capítulo 8 O QUE É E COMO FUNCIONA UMA CASA DE ACOLHIMENTO?.....	51
Capítulo 9 QUEM SOMOS – NOSSA HISTÓRIA.....	55
Capítulo 10 PADRINHOS & ACOLHIDOS – SUAS HISTÓRIAS.....	59
A voz dos Afilhados.....	65
Agradecimentos.....	70
Sobre a obra e autoras.....	72
Para quem está preparado – Relatos fortes.....	76
Bibliografia.....	83

prefácio

PREFÁCIO__

É com extraordinária satisfação que me vejo na condição de prefaciar esta obra, máxime em se considerando a admiração que nutro pelo trabalho realizado pela Casa de Acolhimento Semente Viva e por acreditar sinceramente que a implementação do Apadrinhamento Afetivo auxiliará na conquista da cidadania, conforme previsto na Constituição Federal e na Lei 8.069/1990.

As autoras trazem reflexões sobre o instituto em estudo, apresentando ainda a rica experiência prática do programa implementado, o qual se alinha ao projeto pedagógico da Casa de Acolhimento, baseado na Sociologia da Infância.

O livro traz conceitos, finalidade, normas e modalidades do Apadrinhamento, além de aspectos práticos como pré-requisitos para os candidatos ao apadrinhamento e para os acolhidos, direitos e responsabilidades dos envolvidos, capacitação, disponibilidade e estrutura emocional dos acolhidos e padrinhos, processo de aproximação, entre outros.

Como sói acontecer em questões interpessoais as autoras destacam com maestria aspectos psicológicos e sociais envolvidos no processo de Apadrinhamento Afetivo, além de temas associados como capacitação dos educadores e papel dos técnicos.

Os assuntos tratados são apresentados de forma objetiva e esclarecedora e servem para quem busca informação qualificada sobre o tema, bem como para quem trabalha com acolhimento.

Dessa maneira, diante de nossas iniquidades (políticas, sociais e econômicas) e na perspectiva da construção de relações sociais solidárias e pacíficas, só me resta parabenizar a iniciativa deste livro, fundado na rica experiência da implementação do programa de Apadrinhamento Afetivo.

Ainda que seja verdade que a lei nada transforma, não resta dúvida que uma rede de atendimento às crianças e aos adolescentes acolhidos que priorize a inclusão efetiva destes na sociedade é um importante instrumento de transformação da realidade. Quiçá o livro sirva de motivador para que outras instituições de acolhimento elaborem programas desta natureza.

Dr. Marcelo Wegner – Promotor de Justiça

boas-vindas

BOAS-VINDAS__

Caro leitor!

Ficamos muito contentes pelo seu interesse neste material feito com muito carinho pela Casa de Acolhimento Semente Viva.

Neste ebook você descobrirá tudo sobre o Programa de Apadrinhamento Afetivo, implementado pela instituição e que se tornou referência no município de Florianópolis: como funciona o programa, quem pode participar, os aspectos operacionais e emocionais envolvidos no processo de apadrinhamento, assim como informações adicionais sobre o que é o acolhimento, com uma linguagem simples e direta.

Este material foi elaborado com o objetivo de auxiliar as instituições de acolhimento a realizarem o mesmo sonho: expandir as relações de afeto das crianças e adolescentes que se encontram em situação de vulnerabilidade social e emocional, oportunizando relações e experiências extra-abrigo que os auxiliem a ressignificar as suas histórias e a construírem novos rumos para o futuro. Também é voltado a todos os interessados no assunto que possam propagar, difundir e participar do programa.

Em 2019, a Casa de Acolhimento Semente Viva implementou o Programa de Apadrinhamento Afetivo na instituição, com o apoio do FINAF (Fórum das Instituições de Acolhimento de Florianópolis) e do Ministério Público de Santa Catarina (MPSC).

No dia 09 de novembro do mesmo ano, realizou a 1ª Capacitação dos Pretendentes ao Apadrinhamento Afetivo, de forma gratuita, no auditório do Hotel Castelmar, evento que contou com a pré-inscrição de mais de 200 pessoas interessadas no programa.

A capacitação foi organizada pela coordenadora do programa da época, a psicóloga da equipe técnica institucional, Sabrina Pfeiffer Busato Leite, e pela coordenadora institucional Scheila Cristina Frainer Yoshimura que, juntas, proporcionaram uma tarde de imersão ao universo do acolhimento institucional, comentando minuciosamente as etapas envolvidas no processo de apadrinhamento afetivo e realizando dinâmicas interativas com os pretendentes.

Ao final do evento, das 74 pessoas que compareceram, 49 manifestaram interesse em permanecer no programa, demonstrando a importância de uma iniciativa bem estruturada que visa des-

fazer alguns mitos e fantasias inconscientes que podem vir a ser fatores de risco durante um apadrinhamento afetivo.

Ficou bastante evidente a tendência que as pessoas têm de "romantizar" o que significa de fato apadrinhar ou adotar uma criança ou adolescente. Compreende-se os desejos e expectativas que são elaborados ao se disponibilizar para esta escolha, mas a equipe multidisciplinar precisa esclarecer os aspectos reais deste processo.

Desta forma, este ebook tem o intuito de orientar, capacitar e auxiliar outras instituições de acolhimento a implementarem o Programa de Apadrinhamento Afetivo, ampliando para além da Casa de Acolhimento Semente Viva os benefícios dessa conquista.

Expandir a visão deste projeto é importante para o desenvolvimento das nossas crianças e adolescentes – invisíveis à sociedade – que se encontram em situação de vulnerabilidade social. Além disso, esta discussão pode beneficiar não somente profissionais da área, mas pessoas que possuem sensibilidade ao tema e que são participantes ativos da construção de uma sociedade preocupada com o futuro das gerações.

PARTE I

Capítulo 1

PROGRAMA DE APADRINHAMENTO AFETIVO – O QUE É?

Antes de entrarmos detalhadamente no universo do acolhimento institucional e, principalmente, do Programa de Apadrinhamento Afetivo, gostaríamos que você respondesse a si mesmo: – O que você pensa quando o assunto é apadrinhamento afetivo? Sobre o que se trata?

Feito isso, vamos lhe responder: – Apadrinhamento não é um ato de CARIDADE ou GENEROSIDADE, muito menos, um FAVOR. Apadrinhamento é um ato de RESPONSABILIDADE e AMOR. E assim como qualquer outra forma de amor, diz respeito a uma entrega, a uma doação de tempo e afeto.

Como assim?

Bom, falando mais especificamente sobre o programa, podemos dizer que o apadrinhamento afetivo é um projeto que tem

a função de estimular a convivência familiar e comunitária das crianças e adolescentes que estão acolhidos e que possuem remotas possibilidades de retorno à família de origem ou inserção em família adotiva, principalmente por sua idade mais avançada.

Por meio do apadrinhamento afetivo, a criança ou adolescente terá a oportunidade de ampliar suas vivências socioafetivas, pois irá conhecer, participar e interagir com a rede familiar e de amigos de seus padrinhos, proporcionando vínculos extra-abrigo. E olha que bacana! Participará da dinâmica e do cotidiano da família, estabelecendo trocas, experimentando outras oportunidades – diferentes das que estão habituados no contexto institucional.

Mas isso não deixa de ser um ato de caridade?

Não! Continue lendo, pois logo iremos lhe explicar o porquê ...

Saber Viver

“

Não sei...
se a vida é curta
ou longa demais para nós.
Mas sei que nada do que
vivemos tem sentido,
se não tocarmos o coração
das pessoas.

Muitas vezes basta ser:
colo que acolhe,
braço que envolve,
palavra que conforta,
silêncio que respeita,
alegria que contagia,
lágrima que corre,
olhar que sacia,
amor que promove.

E isso não é coisa de
outro mundo:
é o que dá sentido à vida.

É o que faz com que ela
não seja nem curta,
nem longa demais,
mas que seja intensa,
verdadeira e pura...
enquanto durar.

”

Cora Coralina

Capítulo 2

NORMAS GERAIS DO PROGRAMA

O Programa de Apadrinhamento Afetivo foi elaborado a partir das diretrizes estabelecidas em reuniões do FINAF (Fórum das Instituições de Acolhimento de Florianópolis) e da Comissão de Apadrinhamento do Ministério Público de Santa Catarina, tomando como pontos de partida: o que destaca o ECA - Estatuto da Criança e do Adolescentes, experiências de apadrinhamento que algumas instituições de acolhimento já possuíam (muitas ocorridas de forma natural de vínculo afetivo entre acolhidos e voluntários institucionais), e critérios gerais básicos (como idade mínima dos padrinhos e acolhidos).

O ECA prevê que se a criança ou o adolescente estiver em situação de risco (art. 98), o juiz da infância e juventude poderá determinar medidas protetivas que estão elencadas no art. 101.

Destacam-se duas importantes e frequentes medidas de proteção:

- o acolhimento institucional (art. 101, VII); e
- o acolhimento familiar (inciso VIII).

O apadrinhamento consiste, portanto, em proporcionar (estimular) que a criança e o adolescente que estejam em "abrigos" (acolhimento institucional) ou em acolhimento familiar possam formar vínculos afetivos com pessoas de fora da instituição ou da família acolhedora onde vivem e que se dispõem a ser "padrinhos". Veja a redação do art. 19-B, caput e § 1º, inseridos pela Lei nº 13.509/2017 ao ECA:

Art. 19-B. A criança e o adolescente em programa de acolhimento institucional ou familiar poderão participar de programa de apadrinhamento.

§ 1º O apadrinhamento consiste em estabelecer e proporcionar à criança e ao adolescente vínculos externos à instituição para fins de convivência familiar e comunitária e colaboração com o seu desenvolvimento nos aspectos social, moral, físico, cognitivo, educacional e financeiro.

Vamos conhecer as Normas Gerais do Programa?

1º) Quais são as formas de Apadrinhamento?

O Programa de Apadrinhamento conta com três modalidades disponíveis para cadastro, conforme o perfil e interesse do pretendente:

Apadrinhamento Afetivo: Nesta modalidade, o pretendente se inscreve com o intuito de formar um vínculo de responsabilidade e afeto para com a criança/adolescente, proporcionando vivências extra-abrigo;

Apadrinhamento Financeiro: Nesta modalidade, o pretendente tem como único objetivo direcionar recursos financeiros a uma determinada criança ou adolescente, durante o seu período de acolhimento institucional, sem necessariamente ter contato direto.

Prestador de Serviços: Nesta modalidade, o pretendente se inscreve com o objetivo de tornar-se um voluntário da instituição, fornecendo algum serviço de forma gratuita e inserindo-se

no banco de voluntários da casa de acolhimento para que, sempre que necessário, a instituição possa contar com seus serviços. Nesta modalidade, não ocorre envolvimento afetivo e/ou financeiro para com os acolhidos. É um padrinho da instituição.

2º) Quais são os pré-requisitos para ser um Padrinho Afetivo?

Para se inscrever no Programa de Apadrinhamento Afetivo é necessário que os seguintes requisitos sejam cumpridos:

- Possuir idade mínima de 25 anos;
- Ter disponibilidade para participar do processo de preparação e seleção;
- Ter disponibilidade para convívio semanal e/ou quinzenal com o afilhado;
- Ter apoio dos familiares para o desenvolvimento do projeto;
- Não estar inscrito no CUIDA – Cadastro Único de Adoção;
- Residir na Grande Florianópolis;
- Apresentar a seguinte documentação:
 - RG (Cópia);
 - CPF (Cópia);
 - Certidão Negativa de Antecedentes Criminais;
 - Comprovante de Residência;
 - Participar da capacitação e reuniões de alinhamento;
 - Assinar Termo de Adesão com a Instituição;
 - Assinar Termo de Parceria com a criança ou adolescente;

3º) Quais são os pré-requisitos para os acolhidos?

Crianças e adolescentes com remotas chances de adoção, aqueles que por idade avançada ou por problemas de saúde, não se encaixam no perfil escolhido por famílias habilitadas à adoção.

4º) Quais são os direitos e responsabilidades dos padrinhos?

- Realizar visitas dentro do espaço do Abrigo Institucional com aviso prévio;
- Conviver com o afilhado e incluí-lo em sua vida familiar e social, dentro das atividades adequadas para a sua faixa etária;
- Levar a criança/adolescente para passeios previamente autorizados;
- Participar de eventos e datas significativas para o afilhado - previamente agendados;
- Presentear o afilhado, dentro dos padrões adequados à sua idade;
- Participar da vida escolar, acompanhando os estudos, reuniões, eventos;
- Participar de consultas médicas/odontológicas;
- Ser atendido pela equipe técnica com agendamento prévio e/ou em situação de emergência;

- Viajar, desde que solicite autorização prévia;
- Desligar-se do programa a qualquer tempo, com aviso prévio, por meio de pedido formal, para que a criança ou adolescente tenha tempo hábil de ser preparado para o desvínculo.

5º) Como funciona na prática?

Na Casa de Acolhimento Semente Viva, o processo ocorre da seguinte forma:

Primeiro o interessado faz a inscrição na **Plataforma Colaborativa da Jornada do Apadrinhamento**, que dará acesso ao curso virtual para pretendentes. Depois de concluir esta etapa, receberá um questionário para Habilitação. Concluindo este processo, ficará no Banco de Dados, disponível a todas as casas de acolhimento de Florianópolis. Assim que iniciar o processo com uma criança/adolescente assinará o Termo de Adesão – um documento formalizando o ingresso ao programa.

Quando surgir uma oportunidade de iniciar um vínculo de uma criança/adolescente com um padrinho afetivo, a instituição

inicia o processo de escuta e acolhimento dos desejos deste acolhido. O objetivo é verificar se há abertura e estrutura emocional para dar os primeiros passos em direção à formação deste novo vínculo.

Assim como ocorre com o acolhido, o pretendente é chamado para uma escuta qualificada com a equipe técnica. Alguns encontros são agendados, para a avaliação das motivações, da personalidade e contexto de vida dos pretendentes e demais envolvidos no processo. Claro, a gente sempre prioriza o melhor interesse da criança ou adolescente, conforme preconiza o ECA.

E, por fim, ao verificar que há disponibilidade e estrutura emocional, tanto do acolhido como dos padrinhos, inicia-se o processo de aproximação entre acolhidos e padrinhos, conforme será detalhado no Capítulo Três.

Capítulo 3

AÇÕES DE APROXIMAÇÃO ACOMPANHAMENTO DOS VÍNCULOS AFETIVOS

Quando uma criança ou adolescente encontra-se preparado para iniciar um novo vínculo afetivo com um padrinho em potencial, a equipe técnica organiza alguns encontros entre todos, na instituição.

No dia agendado, o padrinho comparece à casa lar e é apresentado para todas as crianças como um voluntário que foi conhecer a instituição e visitá-las.

Brincadeiras são propostas, momentos de lazer, jogos e diversão para que todos interajam e as primeiras impressões possam ser estabelecidas.

Após o primeiro encontro, a equipe técnica realiza um momento de escuta qualificada com a criança ou adolescente a ser apadrinhado, em algum momento oportuno, sem gerar suspeitas e

também é realizado o mesmo momento de escuta com o padrinho. Verificam-se os sentimentos que permearam a interação entre padrinho e afilhado, as afinidades ou incompatibilidades, as expectativas e o desejo de um novo encontro, ou não.

Havendo interesse de ambas as partes, agenda-se um novo momento de interação do padrinho com todas as crianças na casa e, ao final do encontro, realiza-se novamente as escutas com todos os envolvidos.

Conforme o processo vai progredindo de uma forma positiva e saudável, os momentos de interação vão tornando-se cada vez mais restritos à presença apenas do padrinho "voluntário", do acolhido a ser apadrinhado e da equipe técnica (que, nestes encontros, apresenta-se como uma figura observadora, mediando e auxiliando apenas quando necessário). Quando o momento mostra-se oportuno, as primeiras saídas são programadas.

As saídas ocorrem inicialmente com pequenos passeios entre padrinho e afilhado, sem a presença da equipe técnica e depois podem se estender em pernoites, quando o vínculo já estiver firmado (com autorização judicial). As escutas qualificadas continuam

acontecendo e seguirão durante todo o processo de apadrinhamento, sempre após o retorno do acolhido à casa lar.

Nesta etapa, quando se percebe que ambos – tanto padrinhos quanto afilhado – tem o desejo de ir adiante, promove-se a assinatura do Termo de Parceria entre ambos, formalizando assim esta relação.

As saídas externas são sempre programadas com frequência no mínimo quinzenais. Uma frequência menor que isso implica no enfraquecimento da formação desse vínculo afetivo, traz insegurança e causa efeitos negativos no desenvolvimento psicológico das crianças e adolescentes acolhidos.

Precisamos ter sempre em mente que quando uma criança é retirada de sua família de origem e passa a viver em uma instituição de acolhimento, a mesma está vivenciando, em seu mundo interno, um momento de luto pela perda do vínculo com seus familiares (conforme será abordado mais detalhadamente no Capítulo 5).

Dessa forma, é preciso um olhar atento e qualificado da equipe técnica, no que diz respeito à inserção desta criança em um novo núcleo familiar, mesmo que seja através do apadrinhamento

afetivo – o qual acontece de forma quinzenal –, pois a ocorrência de instabilidades nesta nova relação pode gerar novos traumas para a criança.

As saídas evoluem para os pernoites, sempre através de autorização judicial fundamentada nos relatórios emitidos pela equipe técnica, nos quais o processo de formação de vínculo é minuciosamente estudado e planejado.

Os pernoites passam a ocorrer de forma sistemática e quinzenal, sempre de acordo com a vontade do acolhido e a disponibilidade do padrinho, desde que aconteça de forma a manter os vínculos sem prejuízos.

Porém, pode acontecer também que, no decorrer do processo de apadrinhamento, surja um pretendente à adoção da criança ou do adolescente apadrinhado. Embora essas chances sejam remotas, ainda pode existir esta possibilidade.

Numa situação dessas, estuda-se o caso, trabalhando com a família substituta a perspectiva de manutenção de vínculos entre padrinho e afilhado a fim de evitar prejuízos emocionais aos envolvidos.

Caso ocorra a adoção da criança ou adolescente que estava sendo apadrinhado, o padrinho poderá ser direcionado a outro perfil e continuar fazendo parte do programa, na instituição.

Caso o padrinho peça desistência de acompanhar o afilhado, o mesmo não poderá prosseguir no programa da instituição, rompendo dessa forma o Termo de Parceria. Dependendo das motivações deste rompimento, estuda-se o caso para continuidade – ou não – no banco de dados.

E se, no decorrer do processo, os padrinhos tiverem o desejo de adotar o afilhado, é possível?

De acordo com o promotor de justiça da 9ª Promotoria da Capital - Florianópolis, Marcelo Wegner, o apadrinhamento se destina àqueles que não têm interesse em adoção. Todavia, há casos, em que a criança ou o adolescente não tem pretendentes na lista de inscritos para a adoção e o convívio faz surgir um vínculo afetivo entre padrinho e afilhado que torna isso possível sim, inclusive, em razão do princípio do melhor interesse deste à pretensão à adoção. (Artigo 227 da CF e artigos 3.o e 4.o do ECA).

Capítulo 4

ASPECTOS PSICOLÓGICOS ENVOLVIDOS NO PROCESSO

Chegou o momento de compreendermos a parte mais complexa do processo do apadrinhamento afetivo: os aspectos psicológicos que permeiam o contexto das famílias que se cadastram no programa, assim como o universo do acolhimento e as consequências geradas pela falha de todo um sistema de proteção infantil.

A família, quando busca por um programa de apadrinhamento afetivo, pode ter várias motivações: impossibilidade de gerar filhos biológicos, ou então a perda de um filho, ou quem sabe a vontade de preencher um ninho vazio, ou ainda por querer ajudar alguém em situação de vulnerabilidade social.

São diversas motivações envolvidas e a equipe técnica deve estar preparada e atenta para esmiuçar cada uma delas, em virtude de que alguns propósitos poderão se apresentar como fatores de risco para o andamento do processo, causando danos psicológicos ao afilhado.

Outra questão a ser considerada é que, além do motivo pelo qual a família possa ter passado a desejar apadrinhar uma criança ou adolescente, no íntimo de cada pretendente ao cargo de padrinho já existe uma idealização deste(a) afilhado(a) que foi concebida de acordo com sua própria subjetividade.

Estas fantasias conscientes ou inconscientes estarão lá, durante todo o processo e talvez, durante toda a vida compartilhada ao lado desse afilhado, afetando (ou não) a convivência e até mesmo o curso do desenvolvimento psicossocial da criança ou adolescente.

Por isso, a vasta experiência que temos ao acompanhar dezenas de histórias de adoção, assim como casos de apadrinhamento, fez com que constatássemos que são as famílias que demonstram as maiores dificuldades no decorrer do processo e não as crianças, como se imagina...

Embora as crianças e os adolescentes acolhidos mostrem uma capacidade de flexibilidade e resiliência pelo precoce amadurecimento ao qual foram submetidos desde cedo, são as famílias que costumam ter maiores dificuldades em lidar com a frustração.

Acabam criando expectativas pela chegada do novo afilhado afetivo porém, quando o mesmo não corresponde ao que fora idealizado em suas fantasias, é que surgem os maiores desafios.

É possível que as famílias venham a ocultar suas verdadeiras motivações para o apadrinhamento, demonstrando apenas no decorrer do processo. Quando este tipo de situação ocorre, a equipe técnica precisa intervir, desacelerar o processo da formação de vínculo e verificar se há a possibilidade de dar continuidade ao programa.

Desta forma, os momentos de escuta qualificada tornam-se uma das ferramentas mais importantes durante o processo, proporcionando um espaço de acolhimento a fim de diminuir os fatores de risco.

O olhar ampliado permite alcançar as questões trazidas não somente pelo diálogo, mas pelo estudo minucioso da dinâmica familiar e das relações apresentadas.

É por este motivo que há um cuidado em buscar uma família dentro do perfil necessário do acolhido, e não uma criança desejada para estes pretendentes.

O que percebemos também é que a criança, embora possa demonstrar um desejo de ser adotada pela família dos padrinhos – até pela convivência neste núcleo familiar – compreende que se trata de uma relação de apadrinhamento e aceita o processo tal como ele é. A equipe técnica trabalha cuidadosamente neste aspecto.

Vale destacar que todo o diálogo é baseado no nível de desenvolvimento em que a criança ou adolescente se encontra, permitindo a compreensão do processo pelo qual são protagonistas.

Partindo agora para o contexto emocional das crianças e adolescentes acolhidos, em primeiro lugar temos que ter em mente que todos que moram em uma casa lar foram retirados de suas famílias de origem e estão vivenciando um processo de luto.

Sabe-se, atualmente, que o luto não é um processo sentido de maneira constante, sem interrupções, durante determinado tempo. Pelo contrário, o luto é sentido de forma intermitente (STROEBE e SCHUT, 1999), com oscilações em sua apresentação, durante até mesmo vários anos. Ora a pessoa se sente triste, chora pela perda, fica prostrada e sem motivação para as demandas do

dia a dia ou para os momentos de lazer e ora sente-se mais alegre e motivada, deixando de lado os pensamentos referentes à perda sofrida e vive (aparentemente) bem.

É comum ocorrer variações de humor nas crianças e adolescentes acolhidos e esta oscilação pode ser interpretada erroneamente como indiferença ou distanciamento emocional, durante o processo de apadrinhamento. É preciso então, que a equipe técnica esteja atenta às manifestações e comportamentos dos acolhidos e assim possa compreender o que é da ordem da perda e o que diz respeito literalmente à relação com o padrinho.

Isso implica para além de todo o processo de luto que será sentido. É, principalmente, uma grave perturbação do desenvolvimento psicológico desses acolhidos, gerando uma condição que demandará muito investimento de afeto, continência, acolhimento e compreensão de todos que se envolverão na vida dessas crianças e adolescentes, durante o acolhimento e até mesmo depois dele.

Padrinhos que possuem altas expectativas com relação ao afilhado (interiormente idealizado) podem vir a frustrar-se muito facilmente, gerando novos rompimentos na vida da criança. Em

virtude disso, costumamos salientar: apadrinhar um acolhido diz mais respeito a um ato de amor para com uma criança do que uma atitude que irá suprir qualquer necessidade emocional do padrinho.

Nosso trabalho é em prol das crianças e adolescentes acolhidos, pois são eles que se encontram em uma situação de vulnerabilidade social e emocional, e não os padrinhos.

Apadrinhar não é tapar buracos emocionais e muito menos fazer caridade. Assim como adotar, apadrinhar é se doar, é desprender-se das expectativas individualistas, até mesmo de um sentimento de altruísmo e investir todo o seu tempo e o seu afeto para cuidar, suportar e conter um outro ser, respeitando sua essência, tal como ela é. Isso sim é um ato de AMOR.

Quando uma criança sai de um abrigo, mesmo que temporariamente, no início de um processo de apadrinhamento ou adoção, é preciso trabalhar tanto ela, como as outras que ficam, pois existem laços emocionais entre todas. Devemos lembrar que trata-se de mais um novo rompimento de vínculo afetivo que também precisa ser elaborado.

As crianças podem sentir inveja, ciúmes ou então querer

levar para a casa dos padrinhos outra criança com bastante afinidade, durante a convivência na casa lar.

É comum elas pedirem para não ir para a casa dos padrinhos em um final de semana que seria de saídas para os pernoites, por sentir saudades do seu quarto, da sua cama ou dos seus amigos da instituição. Afinal de contas, a casa lar nada mais é do que o lar dessas crianças e, assim como sentimos saudades de casa quando viajamos, elas também sentem saudades e se sentem divididas entre estar com os padrinhos e os amigos da instituição.

Por isso, o processo de formação de vínculo é planejado e conduzido de forma que a criança seja respeitada em seu tempo, pois todas já passaram por rompimentos e apegos inseguros (BOWLBY, 1940) em suas trajetórias de vida.

Um dos objetivos principais do Apadrinhamento Afetivo é justamente esse: auxiliar o desenvolvimento psicológico das crianças e dos adolescentes.

Isso ocorre quando os padrinhos desempenham seus papéis de figuras de cuidado "suficientemente boas" (WINNICOTT, 1967/1975) e quando são capazes de garantir a "continuidade do

ser" (WINNICOTT, 1965/2005) dos seus afilhados. Padrinhos frustrados em suas fantasias, indecisos e inconstantes poderão perturbar o desenvolvimento e gerar potenciais danos negativos na psiquê dos acolhidos.

“ As crianças e adolescentes, quando são levados para uma instituição de acolhimento, muitas vezes chegam com uma experiência de vida permeada de anos de negligência, abandono, abusos físicos e/ou psicológicos e/ou maus tratos. Quando isso ocorre, percebe-se que houve uma falha gravíssima de todo o sistema de proteção infantil que deveria ter, de alguma forma, realizado uma intervenção a tempo e retirado esta criança/adolescente deste seio familiar patológico.

Podemos ir além, quando se fala de políticas públicas que poderiam minimizar situações prejudiciais à criança e ao adolescente através de programas de fortalecimento de vínculos e educação parental, bem como apoio familiar. ”

RESPONSABILIDADE AFETIVA: PARA ALÉM DO AMOR

Muito falamos a respeito das características psicossociais que envolvem toda a relação de troca entre padrinhos e afilhados, não é mesmo? Compreender essa grande esfera do que é o ato de apadrinhar exige tempo, paciência e principalmente disponibilidade.

Nós, enquanto seres adultos, numa relação com uma criança ou adolescente, somos promotores e participantes ativos do desenvolvimento daquele ser que compartilha de momentos e trocas de afeto.

Uma criança, ao se olhar no espelho, não enxerga somente de si, mas visualiza além disso, retalhos, furos, preenchimentos e sintomas daquele outro que caminha consigo - de maneiras particulares e muitas vezes permanentes.

Para além do amor, você já pensou na RESPONSABILIDADE AFETIVA que envolve o ato de apadrinhar uma criança ou adolescente?

Responsabilidade afetiva é um termo utilizado sobre um conjunto de habilidades emocionais que envolve empatia e consideração pelo sentimento da outra pessoa na qual você se envolve

- independente da forma de relação. É, primeiramente, reconhecer se você está DISPONÍVEL AFETIVAMENTE para entrar na vida de alguém que já sofreu tanto e no momento necessita ser cuidada - e não mais uma vez abandonada.

Mais ainda, responsabilidade afetiva significa o ato de se importar com o reflexo das nossas ações nos sentimentos das outras pessoas e as expectativas que geramos em cada palavra, gesto, promessas e convívio que é compartilhado.

Quando pensamos neste conceito aliado à realidade de uma criança ou adolescente que está institucionalizado, diversas considerações devem ser feitas antes de se disponibilizar para esta troca de afetos.

Vale lembrar que toda criança que chega à instituição encontra-se vivenciando diversos processos internos de sofrimento psíquico - dos mais simples aos mais graves - e, diante disso, se inicia um trabalho de reconstrução e ressignificação dessas experiências traumáticas respeitando seu tempo. Por isso a importância do cuidado para se disponibilizar a esta relação que envolve alguém com tantos rompimentos de vínculos.

Em uma troca de afetos, não somente o adulto se abre a esta oportunidade, mas também a criança que, em meio ao caos, consegue abrir os braços e lhe receber com um sorriso. Por este motivo, ao escolher entrar neste programa, devemos nos perguntar: eu estou bem e disponível afetivamente para entrar na vida desta criança/adolescente?

Eu, você... nós! Nós podemos fazer a diferença na vida delas.

Sou feita de retalhos...

“

Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou. Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...
Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...
Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...
Haverá sempre um retalho novo para adicionar a alma.

Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de "nós". ”

Cris Pizzimenti

Capítulo 5

A PRÁTICA DO APADRINHAMENTO

Uma questão importante de se destacar é que, para além das questões técnicas envolvidas no ato de apadrinhar, esta nova relação se constrói na prática do dia a dia.

Quando se inicia o processo de aproximação entre padri-nhos e afilhados, diversas vezes ouvimos questionamentos, como: e se eu disser "não"? E se ele me perguntar se posso comprar algo no mercado e eu não puder? O que eu falo quando ele começar a apresentar algum contexto de resistência? Estou agindo certo?

Idas ao mercado, participação em jantares familiares, andar de bicicleta, ir à praia, apoiar nos estudos escolares, acompanhamentos médicos... muitas são as vivências. E são justamente nesses momentos que as incertezas e inseguranças aparecerão.

Vale ressaltar que para receber uma criança/adolescente em sua casa, a família não precisa reconstruir sua rotina, mas fazer com que este novo contexto aconteça de forma natural. O afilhado

irá participar deste novo cenário de forma a respeitar e se sentir respeitado. Mas como? Com muito diálogo.

O diálogo permitirá que o vínculo seja estabelecido e isso não se dará de uma hora para outra. Você vai precisar de PACIÊNCIA e AMOR... ah, muito amor! E esse amor envolve dizer "não", dizer que é hora de dormir, de comer, de estudar e tomar banho, sem medos ou receios de frustrar. É importante estabelecer limites em qualquer relação em que nos colocamos.

Não há uma receita de bolo onde você coloca todos os ingredientes pré-selecionados, mexe e espera ficar pronto. É o olhar, abaixar na altura da criança para ouvir e ser ouvida, é falar com calma e respeito, explicar os porquês, é dizer "não" quando necessário e "sim" quando também é possível. É aprender e ensinar e, diante de todos os desafios, entender que dentro daquele ser que compartilha a vida com você existe alguém sedento para ser amado e cuidado.

Capítulo 6

CAPACITAÇÃO DA EQUIPE DE EDUCADORES

Vamos pensar agora. Qual é o papel do educador?

E qual a sua importância?

Os funcionários de uma instituição de acolhimento, de modo geral, possuem um papel significativo na vida das crianças e dos adolescentes acolhidos, pois a instituição - nada mais é - do que a própria casa deles.

Então, nós que trabalhamos dentro da casa deles, devemos ter sempre em mente que estamos exercendo o nosso ofício em um local atípico e que nossa presença altera, inevitavelmente, o sistema como um todo.

Vínculos afetivos são gerados através desta convivência diária. Conversas profundas, de cunho emocional, surgem inesperadamente durante uma refeição ou em um momento de lazer, por

exemplo. Situações realmente muito comuns no dia a dia de uma casa lar.

Os nossos comportamentos, a nossa forma de pensar e de enxergar o mundo são transmitidos sutilmente (ou não) para as crianças, mesmo que de forma inconsciente e não intencional. E esta troca, dependendo do momento, pode, infelizmente, prejudicar o desenvolvimento psicológico das crianças, sendo este um dos principais motivos para a realização constante de capacitações para as equipes de educadores.

É muito comum que a criança se aproxime de algum adulto de confiança e traga histórias da sua vida que podem conter temas muito delicados como abusos, maus tratos, etc.

É de suma importância que o adulto saiba como proceder em uma situação como esta, promovendo um acolhimento não invasivo que irá direcionar esta criança, de forma afetiva e eficaz, para uma escuta qualificada pela equipe técnica. Entretanto, para que isto ocorra, é preciso que os educadores estejam muito bem alinhados com a equipe técnica e saibam conduzir com tranquilidade e confiança um momento desafiador como este.

Não podemos utilizar como recursos apenas a nossa experiência pessoal e a nossa história de vida para conduzir uma conversa tão significativa com uma criança, quando o assunto em questão diz respeito a uma área tão sensível do psiquismo, como os traumas.

Devemos estar constantemente capacitados para saber acolher os sofrimentos delas, como também para orientar da melhor maneira possível, sem gerar novos traumas, pois cada vez que a criança verbaliza o relato de seu trauma ela revive todos aqueles sentimentos novamente, inclusive as sensações corpóreas, afetando não somente o emocional, mas também o fisiológico.

O corpo sente, mesmo quando a mente não lembra.

Não podemos abrir feridas que não saberemos cuidar. Uma fala mal conduzida durante um relato de trauma de uma criança pode calá-la novamente e talvez até para sempre.

O educador é mais do que um cuidador. O educador tem a complexa missão de acolher os sentimentos das crianças e dos adolescentes, de orientar, de garantir uma rotina saudável e estruturada e de fornecer também momentos de afeto, de escuta e acolhimento.

Mas, como o educador pode fazer tudo isso sem impor suas crenças pessoais?

É simples! Sendo constantemente capacitado...

Podemos dizer que o sistema de uma casa de acolhimento funciona como uma engrenagem. As crianças dependem dos educadores e os educadores dependem da equipe técnica. Já a equipe técnica depende dos educadores para realizar as intervenções mais adequadas, pois são os educadores que passam a maior parte do tempo em contato com as crianças e os adolescentes.

Os educadores são os olhos da equipe técnica dentro da casa. E os educadores também dependem dos acolhidos e da relação estabelecida para com eles para o pleno desenvolvimento do seu trabalho. Logo, um depende do outro.

Quando toda equipe de funcionários da instituição de acolhimento está alinhada em seus discursos e em suas condutas, as crianças e os adolescentes percebem rapidamente que existe uma estrutura bem definida na instituição e esta estrutura, além de proporcionar sentimentos de estabilidade emocional, ao oferecer constantemente um ambiente tranquilo e equilibrado, torna-se,

por fim, uma ferramenta poderosíssima na intervenção da equipe técnica no desenvolvimento biopsicossocial dos acolhidos.

A atuação da equipe técnica nem sempre ocorrerá de forma direta para com a criança ou adolescente. Ela acontecerá, na maioria das vezes, através do papel do educador, pois é ele que estará ali na hora do banho em que a criança resolve revelar um abuso. É ele que estará ali quando a adolescente chegará da escola frustrada por uma paixão não correspondida. É ele que estará sentado à mesa, ouvindo uma criança falar com a outra sobre suas angústias e conquistas.

Todo educador tem que ter a consciência de quão importante é no processo de ressignificar histórias tão desafiantes, como as de crianças e adolescentes acolhidos. Olhar para si mesmo todos os dias e lembrar que numa instituição de acolhimento além de cuidar também podem e devem ser cuidados. (Para isso existe a equipe técnica para acolher as demandas e anseios durante a jornada).

Como ensina a comunicação não violenta: "É impossível se comunicar de forma clara e assertiva com o outro se você não for

capaz de se comunicar claramente consigo mesmo". O olhar para si mesmo é importante neste processo.

O educador precisa desenvolver o seu olhar para além da situação à sua frente. Quando uma criança se mostra irritada demais, agitada demais, importunando o espaço, é preciso ter a sensibilidade de reconhecer o que há por detrás deste cenário: acolher, abraçar, conversar. Saber usar o tom de voz: firme quando necessário, porém doce quando convém.

É importante destacar que o educador tem um papel profissional, isto é, não conseguirá NUNCA substituir o papel materno, paterno ou de família biológica dessa criança. Portanto, mesmo que os vínculos sejam fortes, estabelecidos, sólidos e envolvidos de afeto, é preciso compreender o seu lugar.

O Instituto Fazendo minha História, que atua na área de capacitação, em uma de suas cartilhas destaca muito bem o papel do educador:

"O que o educador pode fazer para ajudar a garantir os princípios que regem as instituições de acolhimento?"

- Respeitar a história de cada acolhido: não julgar, não contar para outras pessoas que não sejam os técnicos.
- Nunca permitir que a história da criança seja usada para comentários maldosos.
- Respeitar a intimidade: compreender que cada um de nós precisa e gosta de momentos de solidão, de reflexão e até mesmo de choro.
- Procurar entender as necessidades da criança, inclusive as religiosas, informando a equipe técnica quando há algo novo.
- Nunca constranger crianças e adolescentes por comentários ou observações referentes à sua família ou sua condição, qualquer que ela seja.
- Apoiar as crianças nas pequenas conquistas e decisões ensinando-as a se responsabilizarem por seus atos.
- Observar cada um dos acolhidos procurando entender seu modo de vida, ajudando a garantir que ele seja respeitado.

Autonomia é a capacidade de tomar decisões adequadas à faixa etária ou, como falamos no dia a dia, capacidade de "se virar".

O educador deve permitir que a criança conquiste sua autonomia pouco a pouco.

Amarrar o cadarço, vestir-se sozinho, escolher a roupa que vai usar, decidir se quer cenoura ou vagem no almoço são formas de exercer autonomia."

“ Tia, sabe porque eu sempre mentia? Agora eu não faço. Sei que é errado, mas eu mentia pra me defender. Eu aprendi a me defender assim porque na minha casa eu fazia e dava certo. Agora eu sei que não dá e que não é assim porque a gente tem que falar a verdade! ”

Relato de um adolescente acolhido à educadora.

PARTE II
ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL

Capítulo 7

POR QUE AS CRIANÇAS E OS ADOLESCENTES SÃO ACOLHIDOS?

Vamos compreender o que ocorre quando uma criança e um adolescente são acolhidos em uma instituição de acolhimento?

Para isso, gostaríamos de fazer um convite a todos vocês!

Vamos nos imaginar agora sendo uma menina de cinco anos. Uma menina de nome Maria.

Num dia de manhã, ela acordou com uma pessoa estranha dentro de sua casa – um oficial de justiça – mais dois policiais. Maria ficou muito assustada, pois seus pais estavam brigando muito e ela não entendeu nada.

Rapidamente, aqueles homens estranhos explicaram que

precisaria sair da casa dela, com eles, para ir em um outro lugar. Entrou num carro estranho. No trajeto, Maria sentiu medo, muito medo, afinal, seu pai dizia que polícia matava! Será que iriam matá-la também?

Aquele medo era o mesmo medo de quando o pai abusava dela. Ficou triste. Enquanto via as pessoas andando na rua, soluçava escondida e só escutava os homens estranhos, sentados no banco da frente do carro, dizerem: É na rua tal, a casa lar é naquele lugar...

Foi quando chegou numa casa estranha, com gente estranha. De repente, uma moça de cabelos compridos e lisos veio ao encontro dela com um sorriso no rosto, abraçou-a e disse: - Calma, estamos aqui para ajudar você! Por um tempo esta será a sua casa. Mostrou os espaços, o quarto onde iria dormir, a mesa arrumada com um bolo cheiroso, os brinquedos e a levou ao banho.

A moça, tão afetuosa, olhava tudo. Até percebeu que havia um machucado em suas partes íntimas. Perguntou, com muita delicadeza, o que fora aquilo. Maria não quis contar. Afinal, quem era ela? O que era aquele lugar? Quem eram essas pessoas que ela

nunca viu antes? Medo, mais medo... E assim foi o primeiro dia de Maria num abrigo para crianças...

Esta é a realidade de muitas crianças encaminhadas aos abrigos por todo Brasil. Maria é apenas uma. São crianças que chegam num lugar totalmente desconhecido, com pessoas nunca vistas antes e que precisam confiar - mesmo na mais tenra idade - de que ali estarão protegidas.

Capítulo 8

O QUE É E COMO FUNCIONA UMA CASA DE ACOLHIMENTO?

A Casa de Acolhimento é o lar provisório das crianças e adolescentes retirados de suas famílias pela justiça. Os motivos são diversos: violência física, sexual ou emocional, negligência, trabalho infantil, abandono, ou seja, de alguma forma tiveram seus direitos violados e precisam estar em um lugar seguro. Por um tempo, passam a viver neste lar provisório, como se fosse a casa delas: frequentam a escola, clubes, cursos, academia, vão à casa de amigos – tudo para que este ambiente se torne o mais próximo de um lar.

Poderão perceber que no local não há placas de identificação, pois na nossa casa "normal" não há placas.

Sim, antigamente, este serviço era muito diferente. Os chamados "Orfanatos" (hoje essa nomenclatura não é mais usada), eram um local com muitas crianças – os "internos", que usavam uniformes, numa disciplina rígida – bem interpretada nos filmes.

Hoje, essa realidade é muito diferente. Os abrigos devem ter estrutura de casa, com a individualidade respeitada, onde a criança tem espaço para expressar seus sentimentos e fazer parte do cotidiano de um lar, exercendo sua autonomia.

A equipe é multidisciplinar, sendo que as diretrizes são encaminhadas pela equipe técnica formada por profissionais da psicologia e serviço social, que juntos são responsáveis pelos encaminhamentos envolvendo os que estão diretamente ligados ao atendimento dos acolhidos.



"Orfanato" de antigamente

Casa de Acolhimento
Semente Viva



Acolhimento

Em nossa Casa de Acolhimento trabalhamos muito com a sociologia da infância, as crianças enquanto protagonistas de sua própria história. Desde o início sempre pontuamos como anda o seu processo, respeitando, é claro, a sua fase de desenvolvimento, utilizando linguagem adequada para que ela possa entender a sua história.

Quando se confirma que esta criança irá para adoção é iniciado todo um trabalho para a construção desta nova fase também.

É comum ouvirmos:- ah, é só uma criança! Como se isso não tivesse peso. A criança é um sujeito de direito, conforme preconiza o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente, portanto, ela precisa ser ouvida, interpretada e respeitada...

Todas desejam ter uma família! Idealizam, sonham, desejam...

De forma resumida, mostramos o que acontece com a criança ou adolescente:

01

A Criança é retirada de sua família pela justiça.

02

Passa a viver no abrigo e inicia um processo judicial.

03

Primeiro tenta-se as possibilidades de retorno à família biológica ou extensa (avós, tios...)

04

Esgotadas essas possibilidades, parte-se para adoção.

05

No período em que a criança fica acolhida tem atendimento psicossocial, além de acompanhamento médico e odontológico. Muitas vezes chegam sem as vacinas em dia. Tudo é checado.

06

Elabora-se o PIA - Plano Individual de Atendimento e relatórios frequentes ao Judiciário até o seu desacolhimento.

07

Quando verifica-se que a criança/adolescente não possui perfil para adoção, estuda-se a possibilidade de incluí-la no Programa de Apadrinhamento Afetivo.

PARTE III:

Casa de Acolhimento Semente Viva

Capítulo 9

QUEM SOMOS – NOSSA HISTÓRIA

A Casa de Acolhimento Semente Viva surgiu em 2011, por um grupo de mulheres ligadas à Igreja Palavra Viva, nascida em Florianópolis/SC. Na época, o líder, Bispo Pedro Flori Ramos impulsionou as mulheres a desenvolverem um projeto social.

Em princípio era para ser uma creche, mas como o Norte da Ilha apresentava extrema vulnerabilidade e faltavam vagas nos abrigos, optou-se por abrir este serviço.

O espaço, localizado no Bairro Ingleses, foi cedido por uma família, cuja matriarca era promotora de Justiça e conhecia bem a realidade de crianças em situação de risco. A sua casa de praia foi

transformada numa "casa cheia de crianças". Assim nasceu a Casa de Acolhimento Semente Viva, com toda documentação regulamentada por meio da ACAJE – Associação Comunitária Amigos de Jesus, uma organização não-governamental, de utilidade pública municipal, estadual e federal.

Trabalhamos incansavelmente para a garantia dos direitos das crianças e adolescentes não só inseridas em nossa instituição, mas como um todo, participando dos principais espaços em nível de Brasil que discutem e promovem políticas públicas para a infância/adolescência.

Um lar para as crianças chamarem de seu

É assim que as crianças se sentem, em um lar. O espaço amplo, que compreende um pátio extenso para correr e brincar, permite viver a infância com liberdade. Numa rua sem saída e tranquila, os vizinhos fazem parte do cotidiano da casa, como acontece nas "melhores famílias". É muito comum sentir o cheirinho de pão quente vindo da vizinha em frente e ela, algum tempo depois, bater

no portão com a produção em mãos para o café da tarde.

É comum também as crianças produzirem algo e dizerem :

- vamos levar à "Tia Marina" - a mesma vizinha que, de sua janela, desde 2011, acompanha tudo com muito amor e carinho.

Temos "cheirinho de casa", como algumas autoridades nos definem em visita técnica. E o cheirinho de casa vem acompanhado de um planejamento criterioso, conforme prevê o Estatuto da Criança e do Adolescente e a tipificação de nosso serviço. Além de uma equipe multidisciplinar, conta ainda com a ajuda de voluntários e de pessoas dispostas a abraçar a causa, seja com seu tempo, seu conhecimento, ou seus recursos financeiros.

PROJETO BASEADO NA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA

Nosso projeto pedagógico é baseado na Sociologia da Infância, tendo a criança como protagonista de sua própria história. Ela é tratada com um ser único, com suas características e potencialidades respeitadas.

Desenvolvemos o seu crescimento, respeitando cada fase e perfil. Como são advindas de um contexto que muitas vezes não oferece o básico, precisam aprender sobre tudo. Aproveitamos o lúdico, as brincadeiras, as conversas na mesa, para ensinar valores, sempre enfatizando seus direitos e seus deveres.

Nesses anos de atuação acompanhamos dezenas de casos de adoção tardia e fomos pioneiros em desenvolver o Programa de Apadrinhamento Afetivo dentro dessa sistemática com uma **Plataforma Colaborativa da Jornada do Apadrinhamento Afetivo**, este livro e um curso virtual para otimizar as informações e facilitar o processo.

Capítulo 10

PADRINHOS & ACOLHIDOS SUAS HISTÓRIAS

APADRINHAR NÃO É SALVAR...

Os padrinhos José Ademir Rutz e Lurdes Dalla Longa Rutz se inscreveram no site da instituição e participaram da capacitação de pretendentes ao apadrinhamento. Desde o início mostraram-se com intenção de apadrinhar um adolescente.

Pais de um menino também adolescente, comentaram que o objetivo inicial era o de ajudar outro adolescente a ressignificar a sua história, porém, com a fantasia de poder "salvar" alguém do sofrimento.

Compreenderam, então, que o que fora abordado na capacitação era realmente verdade. Que apadrinhar alguém não configura "salvar".

“ O apadrinhamento afetivo é muito diferente do que imaginávamos. O curso de capacitação foi muito importante para esclarecer alguns pontos, mas foi no dia a dia que conseguimos entender qual seria nosso papel como padrinhos de um adolescente. Entendemos que o principal é proporcionar bons momentos. Os pequenos gestos, os detalhes, o olhar para o outro, tudo é grandioso nesse universo emocional com tantas cicatrizes. Trabalhamos sempre com a verdade, havendo sempre comprometimento afetivo para com ele, respeitando sua história e vivência. Prezamos muito por esses laços construídos ao longo dessa trajetória. Somos padrinhos para apoiá-lo e orientá-lo. Nem sempre acertamos, tudo é um aprendizado, porém estamos dispostos a aprender sempre. Temos todo o respaldo da instituição, nos sentimos seguros e compreendemos que juntos com a Casa Lar Semente Viva contribuimos para fazer a diferença na vida dele. Somos gratos por essa oportunidade que tanto nos faz bem. ”

José Ademir Rutz e Lurdes Dalla Longa Rutz – padrinhos de F. 17 anos.

PODE ACONTECER...

Um casal de padrinhos de um adolescente permaneceu por um longo tempo no programa. O vínculo mais forte, no início, era com o padrinho, mas depois o adolescente criou vínculos com a madrinha também e frequentava e pernoitava na casa deles, num processo exitoso acompanhado pela equipe técnica com escutas qualificadas.

O relacionamento durou por um bom tempo, até que num determinado dia, a madrinha ligou bem chateada pois sentiu-se desrespeitada pelo afilhado. A equipe fez a intervenção com ambas as partes, tentou mediar o conflito, porém o relacionamento foi rompido ao ponto de sequer atenderem mais as ligações da instituição.

Compreendeu-se de que o vínculo maior era do padrinho para com o afilhado e não da madrinha e que isso gerou um conflito de casal.

Por isso é muito importante que, numa família, todos estejam envolvidos no processo de apadrinhamento, para que tudo ocorra de forma harmônica e com muita compreensão. Desafios

podem acontecer, porém existe uma relação de afeto que não pode ser interrompida de uma hora para outra, sem o fechamento de ciclo. Neste caso, em específico, não conseguimos finalizar.

VIVER E EXPERIENCIAR

"A nossa experiência começou com a capacitação no programa de Apadrinhamento Afetivo, que fizemos em 2019 e, de lá para cá, com a pandemia instaurada em 2020, perdemos um pouco o contato com as ações do programa, que precisou ser paralisado em função disso.

Entretanto, em setembro de 2021 recebemos uma mensagem da Casa Semente Viva dizendo que havia um adolescente pronto para ser apadrinhado. Aquilo mexeu com nosso coração, causando dúvidas e aflições, para um casal sem filhos como nós, mas sabíamos que havia espaço e vontade de nossa parte, como também seria uma responsabilidade duradoura e desafiante. Estávamos dispostos a encarar. Surgiram questionamentos sobre como poderia ser esta

experiência, mas não havia resposta, pois ela viria somente no viver/experenciar. Quando agendamos a conversa com a equipe multidisciplinar da Casa, que por sinal é super atenciosa e disponível para nos acolher, entendemos melhor como seria a rotina, qual era a história de vida do nosso futuro afilhado e a responsabilidade afetiva que viria pela frente.

Foi uma alegria conhecermos nosso afilhado! Fomos seguindo as orientações da equipe e construindo nossa convivência com calma, passo a passo. Nossos encontros são quinzenais e, no começo, ficávamos fazendo vários planejamentos do que fazer, mas fomos aprendendo que, os planejamentos tinham menos valor do que a própria convivência e, com o tempo, nossos encontros se tornaram mais naturais.

Temos alguns desafios de conhecer mais esse ser humano cheio de vivências (de todos os tipos: positivas e negativas), assim como ele ir nos conhecendo também e buscar construir um novo horizonte, a partir deste momento de nossas vidas. Com o passar do tempo, vamos percebendo que as conquistas de convivência vão

se edificando e que as aprendizagens e contribuições tornam-se trocas para todos. Buscar lidar com as expectativas e viver com as diversidades reais que aparecem, talvez seja uma sugestão importante para quem tem a vontade do apadrinhamento. Não idealizar o processo e comemorar cada pequeno passo positivo também. O apadrinhamento é um ato de responsabilidade e amor, sem dúvidas!".

Aline Silva Zilli e Bruno Ziliotto – padrinhos de M. de 13 anos.



Capacitação de pretendentes ao Apadrinhamento Afetivo - Novembro de 2019, em que os casais - José e Lurdes e Aline e Bruno - participaram.

A VOZ DOS AFILHADOS

"Eu gosto muito de estar com meus padrinhos, de viajar, sair, me divertir com eles. Interagir com eles me faz bem e sinto que se importam comigo. Gosto muito de sair, mas também gosto de voltar."

M. - 13 anos.

"Eu acho muito boa a ideia de crianças e adolescentes como eu ter alguém pra dar apoio pra fazer você se sentir acolhido por uma família! Apadrinhamento Afetivo: no começo, pra mim, pensei: - nossa, que coisa estranha, mas, ao longo do tempo, você conhece uma família que o faz se sentir tão bem, que parece que você faz parte dela. Nossa, eu só tenho a agradecer por ter conhecido meus padrinhos. Eles me apóiam no que eu preciso, me dão carinho, afeto e amor e hoje tenho eles como um porto seguro".

F.H - 17 anos , acolhido desde os 14 anos (depoimento dado dois meses antes de ser desacolhido, por completar 18 anos de idade).

UM ACOLHIDO DUAS FADAS MADRINHAS

Era uma vez, um menino de 12 anos que acabara de chegar à casa lar. Ele havia morado já em outras instituições de acolhimento, desde os seus três aninhos e, eventualmente, entre uma passagem e outra pelas casas de acolhimento, voltava para a família.

A família, obviamente desestruturada, em seu funcionamento disfuncional, perpetrava violências físicas e emocionais no menino, que o faziam sentir-se violado em todos os sentidos. Seu mundo interno estava tão maltratado e com tanto sofrimento que, ao chegar na casa de acolhimento, a única forma de comunicação que ele usava era através da encenação de atos de violência que, com efeito, chocavam a todos.

O tempo foi passando e foi-se constatando que, embora houvesse toda a dramaticidade em seus comportamentos, nenhum ato de violência era realizado, pelo contrário, sempre que o menino acreditava não estar sendo observado, adquiria uma postura de proteção e amor.

Certa vez ocorrera em que ele, com pena das formigas que

estavam com o seu formigueiro repleto de água por causa das fortes chuvas daquela semana, fez um grande esforço para retirá-las da água e acomodá-las em um local seguro (talvez como ele próprio poderia estar se sentindo: em um lar, seguro).

O menino, então, foi compreendendo que era importante externalizar os seus sentimentos, mas de um jeito seguro e saudável para si e para todos. Recebeu acolhimento de suas angústias e amparo e sustentação para as suas dores. Foi, no seu tempo, desabrochando e mostrando o seu verdadeiro eu: um menino doce, cheio de amor.

Neste percurso, recebeu não apenas todo o cuidado da equipe de educadoras e técnicas, mas também de duas fadas madrinhas, que não tinham relação entre si.

Duas madrinhas? Sim!

Ele era tão amado por todos que duas famílias quiseram apadrinhá-lo afetivamente.

Mas isso é possível? Neste caso, foi.

Vamos contar o porquê...

O Programa de Apadrinhamento é uma ferramenta que busca auxiliar crianças e adolescentes com remotas chances de adoção a ressignificarem a sua história e a encontrarem suporte de um lar seguro nesta caminhada, conforme vimos anteriormente.

Este menino, especificamente, começou a ser apadrinhado por uma família que passou por todo o processo de capacitação e acompanhamento do programa. A aproximação ocorreu de forma natural, mesmo antes da inscrição da madrinha no programa.

Ela era a fonoaudióloga voluntária que estava auxiliando no tratamento do menino. Ambos foram se tornando próximos durante as sessões e o desejo em estreitarem os laços passou a ser considerado pelas duas partes.

O apadrinhamento foi oficializado e o menino passou a conviver de forma muito positiva com a sua madrinha. Tempos depois, entretanto, em virtude do isolamento social decorrente da pandemia do novo coronavírus, sua madrinha precisou isolar-se, porém, mantendo sempre, de alguma forma, o contato com o seu afilhado e a equipe.

Foi então que medidas mais drásticas foram tomadas, a fim

de promover o controle ambiental e evitar a propagação do vírus. As crianças foram encaminhadas para os lares dos voluntários mais antigos da instituição para que então cumprissem com o isolamento social de forma segura, sem a troca de educadores, como ocorre normalmente na rotina da casa lar.

Deste confinamento, surgiu um novo amor. Que menino mais amado por todos, não é mesmo?! É verdade! A madrinha principal precisava estar longe fisicamente e a voluntária que o acolhera em seu lar já se sentia como uma madrinha do menino.

Foi então que ambas conversaram e compreenderam que o amor não precisava ser disputado. Poderia ser multiplicado! Sim, ele poderia ganhar mais uma madrinha afetiva! E assim ocorreu!

Foi conversado com o menino e ele, que sempre se sentira diminuído por toda a sua história de vida, sentiu-se, pela primeira vez, completamente amado, podendo desfrutar não só de uma, mas de duas famílias.

"A família é um salva-vidas no mar agitado da vida."

J K Rowling

Agradecimentos

Gratidão a Deus que nos capacitou nesta jornada até aqui e a cada criança e adolescente que passou por nossas mãos. Vocês foram os maiores incentivadores e motivadores. Foram vocês que nos inspiraram. Foram vocês que nos fizeram chorar com suas histórias e sorrir com suas conquistas. Foram vocês que nos deram forças, quando já pensávamos ter alcançado nossos limites. Gratidão por mostrarem a esperança mesmo em meio à tantas fragilidades.

Gratidão a toda equipe de fundadores da Casa de Acolhimento Semente Viva, em especial ao Pedro Flori Ramos, Suzimari Ramos e Sérgio Brandão - bispos da Igreja Palavra Viva e Alessandra Brandão - pastora - que, sonhando com este lugar, foram os primeiros idealizadores. Ao presidente da ACAJE - Associação Comunitária Amigos de Jesus - Ademar de Almeida, que, desde 2011, dirige voluntariamente a mantenedora da instituição. Gratidão à Família Favaretto que cedeu o espaço por todos estes anos de forma voluntária. Citando-os, nomeamos no coração, todas as demais pessoas engajadas para a abertura da instituição, hoje referência para muitos.

Gratidão ao nosso time de funcionários, colaboradores, voluntários e doadores da Casa de Acolhimento Semente Viva, que

deixam todos os dias a sua marca na vida de tantas crianças e adolescentes.

Agradecemos também de forma muito especial a equipe do Floricriança (FIA-Fundo da Infância e Adolescência) e CMDCA – Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Florianópolis, que apoiaram este projeto e ao ITAÚ SOCIAL, que teve sensibilidade ao tema e aportou recursos para torná-lo realidade.

Gratidão ao Ministério Público de Santa Catarina e ao Judiciário por acreditarem em nosso trabalho.

Gratidão ao FINAF- Fórum das Instituições de Acolhimento que reúne todos os abrigos da cidade, por acreditarem no Apadrinhamento Afetivo como ferramenta de inclusão social e de garantia de direitos.

Gratidão a todos os PADRINHOS AFETIVOS espalhados por este imenso Brasil, por entenderem que cada um de nós pode ser agente de transformação social.

Parafraseando a linguagem infantil que permeia nosso universo: um abraço de urso em vocês, daquele que chega a estalar todo o corpo...

Com carinho,

Casa de Acolhimento Semente Viva

SOBRE A OBRA E AUTORAS

Esta obra foi elaborada pela equipe da Casa de Acolhimento Semente Viva e subsidiada pelo FIA – Fundo da Infância e Adolescência – Floricriana, com apoio do CMDCA – Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Florianópolis, por meio de recursos do ITAÚ SOCIAL.

Conheça as autoras:

Scheila Cristina Frainer Yoshimura é jornalista formada pela Univali (Universidade do Vale do Itajaí), tendo passado em vários veículos de comunicação de Santa Catarina. Atua como Mestre de Cerimônia do Ministério Público de Santa Catarina, em eventos oficiais. Desde 2011 dedica-se à causa da infância e adolescência. É uma das fundadoras e coordenadora voluntária da Casa de Acolhimento Semente Viva. Foi conselheira dos Direitos da Criança e Adolescente de Florianópolis por mais de quatro anos, eleita pela sociedade civil. Também atuou no Colegiado do Fórum de Políticas Públicas de Florianópolis, fez parte da Comissão da Implementação do Programa de Apadrinhamento Afetivo do Ministério Público de Santa Catarina.

Participa do FINAF – Fórum das Instituições de Acolhimento de Florianópolis. É palestrante sobre Adoção e sobre a importância do protagonismo para a transformação social e participou como expositora do primeiro curso virtual para pretendentes à adoção do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, num convite feito pelo próprio órgão. Acompanhou dezenas de adoções tardias de sucesso e se considera uma eterna aprendiz!

Evelyn Ferreira de Souza é psicóloga formada pela Faculdade CESUSC e direcionada pela abordagem da Teoria Cognitivo-Comportamental. Possui um carinho especial pelo universo infantil e pelo desenvolvimento de recursos criativos digitais que possibilita mergulhar na narrativa das crianças e adolescentes.

Atualmente é pós-graduanda em Terapia Cognitivo-Comportamental com ênfase na infância e adolescência.

Exerce a prática clínica e atuou como psicóloga institucional na Casa de Acolhimento Semente Viva, coordenando o Programa de Apadrinhamento Afetivo e lutando junto à equipe multidisciplinar pela garantia dos direitos da criança e do adolescente.

Patrícia Laureci da Cunha Pereira é assistente social desde 2015. Além de Técnica e Auxiliar em enfermagem, iniciou sua formação acadêmica em Serviço Social na UFSC e concluiu na UNIDERP, em São Paulo. É especialista em Trabalho Social

com famílias e também em Saúde Pública em estratégia e saúde da família (PSF). Atuou no Hospital Albert Einstein e no Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) em São Paulo/SP e também em outras organizações não-governamentais. Desde 2020 é assistente social da Casa de Acolhimento Semente Viva, atuando na defesa e promoção dos direitos da criança e do adolescente.

Sabrina Pfeiffer Busato Leite é psicóloga clínica, apaixonada pelos fenômenos que permeiam a relação entre pais e filhos e pela formação da pessoa desde o seu desenvolvimento intrauterino.

Formada pela UniRitter Laureate International Universities, iniciou Especialização Psicanalítica da Relação Pais e Bebês, pelo Instituto de Terapias Integradas de Porto Alegre, ITIPOA (em andamento). Foi graduanda do curso de Medicina, na Universidade Luterana do Brasil – ULBRA, em Canoas/RS e psicóloga do Instituto Pais e Bebês, de Florianópolis.

Foi psicóloga social e Institucional na Casa de Acolhimento Semente Viva, quando coordenou a primeira fase do Programa de Apadrinhamento Afetivo. Desligou-se em outubro de 2021. É psicóloga perita do Tribunal de Justiça de Santa Catarina.

Casa de Acolhimento Semente Viva

Servidão Leonardo da Vinci n. 93 - Ingleses
Florianópolis - SC / Contato: 48 -3371-0313

Contato para palestras sobre o tema:
(48) 99963-0032

Email:

casadeacolhimentosementeativa@gmail.com

padrinhosementeativa@gmail.com

Site: casalarsementeativa.com.br

jornadadoapadrinhamento.com.br

Redes sociais: @casamenteativa

Facebook : Casa de Acolhimento Semente Viva



SE VOCÊ ESTÁ
PREPARADO PARA LER
RELATOS FORTES DE
CRIANÇAS EM SITUAÇÃO
DE RISCO, VIRE A
PÁGINA.

CASO CONTRÁRIO,
PARE POR AQUI!

O que você vai ler a seguir são relatos baseados em fatos reais de crianças acolhidas em nossa instituição. São apenas algumas das tantas histórias que ouvimos, abraçamos e registramos. São fortes, mas nos provocam muitas reflexões.

"Ninguém nunca acreditou em mim. Ele dizia que eu era malcriada e que eu tinha ciúmes da minha irmã. Minha mãe arrumava minha irmã tão bem, o cabelo dela era lindo. O meu? Ela nunca se importou. Sabe o pior? Quando minha mãe saía de casa ele me obrigava a fazer umas coisas que eu não gostava, doía muito e só parava quando... Eu era doce, todos diziam que eu era doce, mas aqui dentro tinha uma revolta. Até que eu parei em uma casa e lá acreditaram em mim".

N. de 6 anos

"Eu morava num barraco. Lá era bem bem simples, só que na minha casa tinha uma máquina de café. Isso mesmo. Sabe o que tinha também? Ar condicionado e uma TV tão grande que as paredes do barraco quase nem aguentavam o peso. Eu esquentava comida no micro-ondas, porque sim, eu também tinha isso na minha casa. Cada vez que aquele velho vinha, meu pai ganhava alguma coisa nova. Eu era tão pequeno e não entendia que estava sendo vendido em troca de presentinhos para os meus pais. Mas um dia eu fui pra uma casa, uma casa que os únicos presentes que eu recebia eram afeto, respeito e muito amor. Nesta casa eu pude ser criança".

J. de 8 anos

"Agora eu tenho 6 anos e quando eu crescer quero ser um traficante. Traficante tem a melhor casa, a melhor roupa, a mulher mais bonita que todos respeitam. Ah, eu sei dar troco, sabia? Não sei ler mas conheço bem o dinheiro por causa das entregas que eu fazia lá no morro. Achava isso normal. Teve uma noite que estava muito silenciosa. Pra ser verdade, minha casa nunca foi assim. Alguém bateu na porta, os meus pais olharam um para o outro, já sabiam quem era. Minha vida mudou completamente depois daquela noite. Agora sabe o que eu quero ser? Criança."

D. de 6 anos

"Eu tenho uma história muito pesada, eu sei disso. Abandono, crueldade, dor. Às vezes eu queria sair voando pra não ficar naquele lugar. Colo? Beijo? Nunca tive. Ela me deixava na escola e me esquecia lá. Alguém foi me buscar, mas eu não conhecia. Fiquei com muito medo. Mas cheguei em uma casa e a primeira coisa que eu recebi foi um abraço e um beijo. Sabe, a gente chega como passarinhos que caem do ninho e quebram uma asa. As tias da casa nos pegam do chão para nos curar até podermos voar novamente".

F. de 8 anos

**O QUE VOCÊ TEM
FEITO PARA MUDAR
ESTA REALIDADE?**

**“Tia, sabe o que eu
vou levar ao sair
daqui?
O amor de vocês!”**

**G. 8 anos – acolhido na Casa de
Acolhimento Semente Viva,
em sua despedida.**

Bibliografia

BOWLBY, J. (1940) The influence of early environment in the development of neurosis and neurotic character. *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. 21, pp. 1-25. [Links]

STROEBE, M; SCHUT H. The dual process model of coping with bereavement: rationale and description. *Death studies*, v. 23, p. 197-224, 1999

WINNICOTT, D. W. (1975). O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In. D. W. Winnicott, *O Brincar e a Realidade*(pp. 153-162). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1967)

WINNICOTT, D. W. (2005). Família e Maturidade Emocional. In. D. W. Winnicott, *A Família e o Desenvolvimento Individual* (pp. 129-138). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1965)

INSTITUTO FAZENDO MINHA HISTÓRIA - www.fazendominhahistoria.com.br



Alie sua vontade de ajudar com a nossa necessidade de ajuda



Escaneie o QR Code e faça sua doação



Você tem o desejo de ajudar a ressignificar a vida de crianças e adolescentes em acolhimento institucional? O programa de Apadrinhamento Afetivo é um importante instrumento neste sentido.

Este livro o ajudará a compreender melhor como funciona, quem pode participar, quais os requisitos e responsabilidade para se tornar um padrinho ou madrinha afetiva, bem como auxiliará as equipes técnicas e operacionais dos abrigos a implementarem o programa.

Com uma linguagem acessível a todos, a obra destaca aspectos funcionais e emocionais envolvidos neste processo.

Quem se disponibiliza a apadrinhar um ser que já passou por tantos desafios, privações e lutas, certamente é alguém preocupado em contribuir para um mundo melhor.

Como dizia o prêmio Nobel da Paz de 1984, Desmond Tutu: "Nós somos um! A minha humanidade está diretamente ligada à sua humanidade. Sem a sua, a minha não existe!"

REALIZAÇÃO



APOIO

